



KAKÁ WERÁ (Org.)
Apytama: Floresta de histórias

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?!*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoera, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência

humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série

de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor. Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos

que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto,

bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.

- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ◆ do mesmo autor;
- ◆ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ◆ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

KAKÁ WERÁ (Org.)

Apytama: Floresta de histórias

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O ORGANIZADOR

Kaká Werá nasceu em 1964, em São Paulo. Filho de pais tapuias, morou próximo da aldeia guarani na região sul da cidade, onde foi acolhido e iniciou seu aprendizado de reconexão com as suas raízes. Passou, então, a desenvolver uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. É autor de vários livros, além de estar sempre envolvido em processos educativos, atuando na valorização, registro e difusão dos registros ancestrais de povos indígenas.

RESENHA

Kaká Werá abre este livro nos explicando o significado do termo tupi que dá título à obra: *Apytama*, que significa “feixe de lenha, ramallete de plantas ou flores”. Como o próprio autor e organizador nos lembra, é uma palavra com um significado bastante similar ao do termo grego que está na origem da palavra “antologia”, usada para designar um conjunto de textos diversos. Um feixe de lenha, nos lembra Werá, é capaz de acender uma fogueira que protegerá uma comunidade durante a noite, espaço privilegiado para compartilhar histórias.

Esta obra nos oferece um conjunto bastante diverso de textos que reúne escritores indígenas oriundos de povos cujo território se localiza em diferentes regiões do que hoje chamamos Brasil. O leitor é confrontado com textos de gêneros bastante diversos, do poema à crônica, do conto ao ensaio. Muito embora a literatura indígena escrita tenha ganhado força nos anos 1990, é preciso lembrar que a literatura indígena, em si, é muito mais antiga. Como Kaká Werá bem nos lembra, a história da literatura não pode se limitar à palavra escrita: histórias também podem ser contadas e transmitidas oralmente, ou por meio de gestos, performances e imagens. Ao reunir esse conjunto de textos bastante heterogêneo, o organizador nos lembra da complexidade e da diversidade marcante dos povos indígenas. Esses textos nos levam a pensar em como é fundamental escutar a polifonia de línguas e saberes, abafada pela brutalidade colonial para responder aos desafios da contemporaneidade.

Enquanto termos e expressões de diversas línguas indígenas se mesclam ao português nos versos de Ademario Ribeiro Payayá; Auritha Tabajara nos alerta para a importância de cuidar da natureza por meio de suas rimas de cordel. Cristiano Wapichana

entrelaça às memórias de suas conversas com o avô pajé para nos contar a história de Kiwierii, o menino desaparecido e salvo pelos botos que se tornou uma personagem fundamental na história de seu povo; enquanto Daniel Munduruku compartilha conosco a experiência de acordar e ver uma frase agressiva escrita no muro de sua casa. Edson Kayapó nos lembra de que os povos indígenas serão fundamentais para protagonizar diálogos interculturais num momento em que a Terra começa a arder em febre; Trudruá Dorrico, por sua vez, compartilha conosco a bela e inquietante narrativa mítica de uma mulher que descobre ter se casado com um urubu. Kaká Werá entrelaça episódios da violência colonial ao um episódio brutal ocorrido em abril 1997, quando um cacique pataxó que dormia na praça morreu incendiado por um grupo de jovens brancos abastados. Se Márcia Kambeba nos conta como Matinta assombra os humanos que querem fazer dano à floresta; Tiago Hakiy canta em versos o rio que deságua em sua aldeia.

QUADRO-SÍNTESE

Gêneros: Contos, crônicas, poemas, ensaio

Palavras-chave: Povos indígenas, memória, território, colonização, contemporaneidade, meio ambiente, cultura ancestral

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, História, Geografia

Competências Gerais da BNCC: 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 10. Responsabilidade e cidadania

Temas transversais contemporâneos: Diversidade cultural, Educação ambiental

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: 13. Ação contra a mudança global do clima; 16. Paz, justiça e instituições eficazes

Público-alvo: Leitor crítico (8º e 9º anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Convide-os a observar com atenção cada detalhe da imagem. Provavelmente, reconhecerão nos adereços da personagem elementos que podem ser associados aos povos indígenas – chame a atenção para os grafismos presentes em sua vestimenta. Será que eles notam que o círculo azulado rodeado de fumaça representa o planeta Terra e que é possível, inclusive, reconhecer alguns continentes na imagem?

2. Chame a atenção para o título e o subtítulo da obra. Será que os alunos deduzem que a palavra-título é um termo em uma língua indígena?

3. Leia com a turma o texto da quarta capa. O que os alunos sabem a respeito daqueles que o texto denomina “os principais gêneros literários – poema, ensaio, crônica e conto”? Apresente aos alunos alguns elementos de cada um deles.

4. Proponha, em seguida, uma leitura atenta do texto da orelha do livro, que comenta como a literatura escrita pelos representantes dos povos originários contribui muito para desconstruir ideias distorcidas a respeito desses povos milenares, que têm sido veiculadas desde o século XVI e desde os primeiros escritos dos portugueses sobre o que viria a ser o Brasil.

5. Leia com a turma o texto de apresentação de Kaká Werá, que revela o sentido da palavra em tupi que dá título ao livro. Chame a atenção para o título do texto, “Literatura para (re)existência”. Veja se os alunos notam que, quando pronunciamos “(re)existência” em voz alta, a sua sonoridade é a mesma da palavra “resistência”. Proponha que procurem as palavras “existência” e “resistência” nos dicionários, e lembre a eles que o prefixo “re-” sugere alguma forma de repetição. De que modo esses conceitos se relacionam com as questões apresentadas pelo texto?

6. No texto de apresentação, Werá afirma que as narrativas indígenas podem ser contadas “por várias vias: oral, pictórica, escrita, gestual e performática”. Assista com os alunos a um vídeo do artista Denilson Baniwa, em que ele apresenta seu trabalho, no qual busca formas bastante inventivas de traduzir o pensamento indígena. Disponível em: <https://mod.lk/jUzAb> (acesso em: ago. 2023).

7. O texto de apresentação faz referência à lei federal de 2008, cujo artigo nº 11.645 torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio. Como podemos ler no pequeno artigo do portal do Senado (disponível em: <https://mod.lk/teOnB>; acesso em: ago. 2023), essa lei, contudo, ainda não foi implementada com o alcance que deveria, já que muitas universidades e faculdades que oferecem cursos de formação de professores não têm disciplinas para preparar os professores para ensinar esse conteúdo. Pergunte aos alunos se eles já tiveram algum contato com a história e cultura indígena na escola, e o que sabem a respeito.

8. Para que os alunos conheçam um pouco mais o organizador do livro, e reflitam a respeito da profunda sensibilidade e complexidade da cosmovisão dos povos originários, escute com eles a fala de Kaká Werá no Ted Talk de Vila Madá, que nos leva a pensar sobre nossa relação com a água. Disponível em: <https://mod.lk/QMKhz> (acesso em: ago. 2023).

Durante a leitura

1. Esta é uma obra composta por textos de diversos autores que, embora sejam todos descendentes de povos originários, são muito diferentes entre si. Cada texto pode ser lido de maneira independente, e não linear. Encoraje os alunos a fazer uso do sumário para começar pelos títulos que lhes despertem maior interesse.
2. Chame a atenção da turma para a forma como o livro está organizado: antes dos textos de cada autor, encontramos uma página dupla de fundo colorido apresentando cada um deles. Na página à esquerda, há, em destaque, o nome do autor e uma linha contendo informações sobre o gênero do texto, o povo de que o autor faz parte e a sua localização no território brasileiro. Abaixo, há um texto curto e explicativo sobre o povo de origem do autor. Na página à direita, encontramos a biografia do autor.
3. Estimule os alunos a localizar o território do povo de cada autor no mapa do Brasil disponível na página 78, última página do livro.
4. Veja se os alunos reconhecem, em cada texto que leem, as características fundamentais do gênero ao qual pertence – poema, conto, crônica etc.
5. No poema O Curandeiro e o Criador, na página 15, chame a atenção dos alunos para o modo como Ademario Ribeiro Payayá alterna os versos de uma cantiga kiriri na língua indígena original e sua tradução para o português, que aparece entre aspas.
6. Peça para os alunos tomarem nota dos termos em língua indígena que aparecem no decorrer dos textos, para depois pesquisar seu sentido.
7. Chame a atenção para os temas políticos e para as discussões contemporâneas, como o racismo, as marcas da colonização e o perigo apresentado pelo aquecimento global, que aparecem em boa parte dos textos.

Depois da leitura

1. Assista com os alunos a esse vídeo em que Cristino Wapichana, um dos autores do livro, explica por que não devemos nos referir aos povos indígenas como “tribos”, e em seguida conta uma bela narrativa mítica de seu povo. Disponível em: <https://mod.lk/sBHBu> (acesso em: ago. 2023).
2. Escute com os alunos a esclarecedora fala de uma das autoras do livro, Trudruá Dorrico, que nos ajuda a compreender a importância da literatura indígena. Disponível em: <https://mod.lk/vtSvn> (acesso em: ago. 2023). Logo no começo da apresentação, ela conta que escutar palestras de Daniel Munduruku e Kaká Werá, que também integram este livro, foi funda-

mental para ela descobrir-se descendente do povo Macuxi e conectar-se à sabedoria que sobreviveu às brutalidades do processo de colonização. Para que os alunos saibam um pouco mais a respeito dos mais de 305 povos que habitam o território brasileiro, visite com eles a página *Povos Indígenas do Brasil*, organizada pelo Instituto Socioambiental (ISA), disponível em: <https://pib.socioambiental.org>. Nela, é possível encontrar o nome da maior parte dos povos originários que vivem no país e ter mais informações a respeito de cada etnia, incluindo um pouco de sua história, seu território e sua cultura. Assista com os alunos ao documentário *Índio somos nós*, em que indígenas de diferentes etnias falam um pouco sobre seus modos de vida. Disponível em: <https://mod.lk/identida> (acesso em: ago. 2023).

3. Como bem nos lembra Trudruá Dorrico, um dos mais recorrentes equívocos em relação aos povos indígenas é o de imaginar que indígenas que fazem uso de itens como telefones celulares e se vestem de modo similar aos outros brasileiros estejam perdendo sua cultura. Para que os alunos reflitam um pouco mais sobre isso, assista com eles ao vídeo do Instituto Socioambiental (ISA) *#Menospreconceitomaíndio*, disponível em: <https://mod.lk/yLQqp>. Sugira também que acompanhem o canal do Youtube *Wariu*, em que o jovem Christian Wariu Tseremey'wa, da etnia Xavante, fala um pouco sobre o que significa ser indígena no século XXI. Pode ser interessante começar pelos seus primeiros vídeos. Disponível em: <https://mod.lk/0xR2I> e <https://mod.lk/5azum> (acessos em: ago. 2023).

4. Na crônica *Noite em branco*, de Kaká Werá, as palavras do autor entrelaçam acontecimentos brutais que ocorreram em diferentes momentos da história do Brasil. O autor parte do brutal assassinato do cacique pataxó Galdino Jesus dos Santos por um grupo de jovens brancos, em 1997, até eventos que aconteceram no primeiro século da colonização, no século XVI. Leia com os alunos a seguinte reportagem do jornal *Correio Brasiliense*, que detalha os acontecimentos dessa noite terrível. Disponível em: <https://mod.lk/eNzUu>. Há também uma reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, publicada quando se completaram 25 anos da morte do cacique Galdino, que revela como o caso por um lado impulsionou a luta do movimento indígena, por outro segue sendo um exemplo da profunda impunidade presente no sistema judicial brasileiro, já que todos os assassinos são hoje funcionários públicos e recebem altos salários na capital federal. Disponível em: <https://mod.lk/ONXiY> (acessos em: ago. 2023).

5. Para que os alunos tenham uma dimensão da riqueza e complexidade do pensamento indígena e do modo como ele dialoga com o conhecimento científico e a sabedoria de diversos outros povos que

habitam a Terra, assista com eles ao primeiro episódio do ciclo Flecha, *A serpente e a canoa*, concebido e narrado por Ailton Krenak e dirigido por Anna Dantes. Disponível em: <https://mod.lk/evi2K>. Estimule os alunos a assistir às demais Flechas da mesma série, todas disponíveis gratuitamente no Youtube. No site do projeto Selvagem, <https://selvagemciclo.com.br/>, é possível ter acesso a um conteúdo riquíssimo que aproxima a sabedoria ancestral e o pensamento científico (acessos em: ago. 2023).

6. Leia com a turma a entrevista da Agência Pública, em que o cacique Raoni expressa sua preocupação com a mineração e com a construção de barragens em terras indígenas. Disponível em: <https://mod.lk/7hric>. Em seguida, leia a carta profecia, publicada em 2019 no jornal inglês *The Guardian*, em que o líder kaiapó faz um alerta sobre os perigos que o modo de vida e a ganância do homem branco têm trazido para todo o mundo. Disponível em: <https://mod.lk/iqb0D> (acessos em: ago. 2023).

7. A língua de um povo é um dos seus maiores patrimônios. Cada língua guarda uma maneira única de pensar e conceber o mundo. Para que os alunos compreendam um pouco mais a respeito da grande variedade de línguas que existe, e visualizem melhor os dois troncos linguísticos das línguas faladas por aqui, o Tupi e o Macro-Jê, visite com eles a página do Instituto Socioambiental, disponível em: <https://mod.lk/isa2> (acesso em: ago. 2023).

8. Escute com os alunos duas canções criadas por jovens e talentosos músicos indígenas: Território Ancestral, de Kaê Guajajara (disponível em: <https://mod.lk/u2E0S>) e o vibrante videoclipe do *rapper* guarani Kunumi MC, em que tradição e contemporaneidade se cruzam (disponível em: <https://mod.lk/zi479>) (acessos em: ago. 2023).

9. Os direitos dos povos indígenas estabelecidos pela Constituição de 1988, embora tenham sido fruto de um processo de muita luta, são constantemente

ameaçados. Para compreender melhor quais são os direitos garantidos aos povos indígenas, leia com os alunos o seguinte texto, disponível na página do Instituto Socioambiental: <https://mod.lk/g3hyn>. Em seguida, assista com eles ao belo e memorável discurso proferido pelo jovem Ailton Krenak, porta-voz do movimento indígena, no Congresso Nacional em 1987 – certamente um dos momentos mais significativos da história do congresso brasileiro, disponível em: <https://mod.lk/discailt> (acessos em: ago. 2023).

DICAS DE LEITURA

dos mesmos autores

- *Menino-trovão*, de Kaká Werá. São Paulo: Moderna.
- *Crônicas indígenas para rir e refletir na escola*, de Daniel Munduruku. São Paulo: Moderna.
- *Ay kakyri tama: eu moro na cidade*, de Márcia Wayna Kambeba. São Paulo: Polén Livros.
- *Eu sou macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico. Belo Horizonte: Caos e Letras.
- *A boca da noite*, de Cristino Wapichana. São Paulo: Zit Editora.
- *Awyató-pót: histórias indígenas para crianças*, de Tiago Hakiy. São Paulo: Paulinas.

sobre o mesmo assunto

- *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras.
- *Tembetá: conversas com pensadores indígenas*, de Idjahure Kadiwéu. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- *Nós: uma antologia de literatura indígena*, Mauricio Negro (org.). São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Como surgiu: mitos indígenas brasileiros*, de Daniel Munduruku. São Paulo: Callis.